

DEPOIMENTOS SOBRE MARINELA VALSASSINA (os depoimentos incluídos foram escritos para este Estudo)

JOÃO PINHARANDA

“Se eu tivesse conhecido a Marinela mais novo certamente teria crescido mais depressa. Não digo isto no sentido de pensar que me teria tornado adulto mais cedo; mas no sentido de que teria ficado criança mais tempo.

Também não digo isto no sentido de que me teria mantido infantil mais tempo; mas no sentido de que teria mantido *a ingenuidade primeira*: a que se preserva quando nos *ensinam a olhar*. Digo isto, no sentido de que teria mantido *a vontade inicial*: a que se mantém quando nos *ensinam a fazer*. Finalmente, digo isto no sentido de que teria mantido *a confiança fundadora*: a que se guarda quando nos *ensinam a amar* o que nos rodeia.

Assim, cresci mais devagar. Foi mais difícil perceber a beleza das coisas livres; foi mais difícil aprender a construir outras coisas igualmente belas e livres; foi mais duro recuperar a confiança que nos torna capazes de amar como quem conquista e de conquistar como quem ama.

Assim, aprendi a ver sem fazer (porque não frequentei os seus ateliers de expressão plástica) visitando com ela exposições ou, vivendo no Colégio (através de outros professores, por vezes), o espírito que ela difundia.

Muito mais tarde, colaborei com a Marinela, já como professor do Colégio, em iniciativas que replicavam o seu interesse de sempre na Educação pela Arte. O nosso diálogo era já de adulto para adulto - mas, ainda assim, aprendi sempre a ver melhor, a fazer melhor, a ganhar e a dar a confiança que nos permite ensinar os outros e aprender com eles - todos juntos, a ver e a fazer, a construir e a conquistar, a amar um mundo melhor e mais belo.”

João Pinharanda

Historiador, crítico de Arte

MANUEL HEITOR

“SOBRE O ATELIER DA MINHA MÃE

A minha infância e adolescência foram fortemente marcadas pelo atelier e pelo envolvimento da minha mãe na educação pela arte.

Sei que tive a sorte de funcionar como um balão de ensaio e poder participar nas suas experiências bem como tive o privilégio de integrar o grupo de observação da pesquisa que desenvolveu com o Camilo Cardoso sobre a representação gráfica infantil, quando tinha cinco anos.

Guaches, tinta de óleo, tinta acrílica, lápis, cola, pincéis, barro, canetas de feltro, papel de lustro, cartolinas de grande formato, ouro-mouro e muitos outros materiais e suportes, estiveram sempre acessíveis nesses anos. As minhas primeiras recordações do atelier, surgem à volta dos meus três anos e nesse período são profundamente sensoriais: pintar com as mãos, mexer no barro, rasgar papel de lustro, desenhar com pau de carvão...Mais tarde recordo-me de actividades mais meticulosas como picotar papel, fazer colagens e desenhar em papel colorido com um aparo mergulhado em lexívia, ou com técnicas mais sofisticadas como a monotipia, a gravura em linóleo feita com goivas e posteriormente impressa numa prensa manual, a gravação em ouro-mouro ou em folha de alumínio. Recordo-me ainda dos trabalhos colectivos em grandes formatos, das discussões geradas no grupo sobre o que fazer, como e quem começava e das afinações que era preciso fazer quando alguém se enganava.

O atelier foi sempre um lugar extraordinário onde me sentia feliz. Um lugar onde me era fomentada a espontaneidade. Onde dominava a descontração, a informalidade e o afecto. Onde tinha acesso a uma sem-número de materiais, que podia experimentar sem que o resultado final fosse importante, porque o trabalho realizado era sempre respeitado e elogiado. Onde me era permitido sujar à vontade. Onde no final ainda podia mergulhar os braços na água suja da tina para lavar os frascos das tintas e os pincéis. Onde existiam apenas três proibições: a régua, a borracha (à excepção do trabalho em carvão onde se podia apagar com miolo de pão) e destruir qualquer que fosse o trabalho.

Hoje estou consciente que sobretudo estas duas últimas regras foram determinantes para a minha personalidade e forma de estar. Isto porque, por não se poder usar borracha, era fundamental que o primeiro traço saísse bem, o que exigia um esforço de concentração e

capacidade de especialização. Por não ser possível deitar fora o trabalho, quando o resultado não era o desejado ou quando ocorria algum imprevisto, era necessário resolver o problema criado, e encontrar-lhe uma solução.”

¹ António Sérgio, Educação Cívica, 1984 (1915, 1ª edição), p. 23.

¹ “A Capital” de 21 de Junho de 1968

Manuel Valsassina Heitor
Professor Catedrático do IST

MARIA ALDA SOARES SILVA

“Quando entrei como professora para o Colégio Valsassina tive de novo a sorte de conviver com dois grandes mestres que eu conhecia de criança, por laços familiares mas que então me davam a oportunidade de trabalhar junto deles num projeto educativo muito inovador para a época: Frederico e Marinela Valsassina.

O primeiro transmitiu-me o “espírito” Valsassina, a consciência de poder trabalhar num Colégio com História, com espírito de família, muito do que sei sobre gestão pedagógica aprendi com ele, com o seu carisma, sentido de humor, generosidade, sabedoria.

A Marinela foi quem me pôs a par do que era a Associação Portuguesa de Educação pela arte, quem me divulgou bibliografia muito importante como a obra de Herbert Read, a experiência de Sumerhill, Carl Rogers e no plano nacional João dos Santos, Alice Gomes, Arquimedes da Silva Santos, Cecília Menano.

Mas a influência da Marinela foi muito mais profunda observando-a no Atelier, ao fim da tarde, com grupos heterogéneos de alunos, muitos internos.

O Atelier tinha uma atmosfera única. A liberdade que os alunos tinham de experimentar materiais muito diferentes dos usados então nas tradicionais aulas de desenho a motivação, a abertura á criatividade, à livre crítica, era realmente ver na prática os princípios da educação pela Arte. A Marinela incutia hábitos de organização, de arrumação, sem contudo limitar, cercear a liberdade criadora. Apetecia estar no Atelier.

Compreendi bem como alguns alunos ali se sentiam felizes, sobretudo os mais problemáticos, inquietos, inconformistas. E o trabalho era completado com visitas a exposições, colóquios informais com artistas plásticos.

Pelos finais da década de 60 começámos a fazer várias experiências que aliavam a escrita criativa, também livre, sem filtros que não fosse a correção no uso da língua portuguesa, à expressão plástica. Foram montadas muitas exposições com textos e quadros. Procurávamos combater o cliché, deixar exprimir as emoções e sentimentos num estado quase puro. Tenho a certeza de que as gerações que passaram pelo atelier da Marinela, que descobriram quase ao mesmo tempo o prazer da escrita e da literatura ficaram definitivamente marcadas. “

M^a Alda Soares Silva

Diretora Pedagógica e dos Departamentos Didáticos

Do Colégio Valsassina

TERESA VALSASSINA HEITOR

“SOBRE O PERCUSO DA MINHA MÃE: um projecto pedagógico com uma prática em arte

É difícil falar no percurso profissional da minha mãe desligado do binómio arte-educação, porque tratou-se sobretudo de um projecto pedagógico com uma prática em arte. Um projecto construído com grande persistência, afectos e obstinação em *fazer escola*.

Ancorado numa prática artística, adquirida no início da década de 1950 na Sociedade Nacional de Belas Artes, ainda que favorecida pelo ambiente familiar onde crescera, e numa formação em pedagogia infantil que lhe permitia o exercício do magistério, reforçada pela vivência do casamento e do *saber experimentado* que o meu pai lhe transmitiu e por conhecimentos adquiridos numa base autodidacta. Desafiando práticas instaladas e arriscando incompreensões, manteve-se determinada na sua realização, encontrando as formas possíveis em cada momento, de associar a arte à educação.

A minha mãe sempre acreditou numa escola que valoriza os aspectos educativos presentes no universo da arte. Entendendo a arte como ramo do conhecimento, contendo em si

componentes pedagógicos transmissíveis às outras aprendizagens. Reconhecendo a capacidade integradora da arte e a sua contribuição para o sucesso escolar. Defendendo o fazer artístico e a fruição estética como fundamentais para o desenvolvimento cognitivo da criança e do jovem.

Porque a arte permite conceber e olhar o mundo de modos diferentes e abrir espaço à realização pessoal.

Porque a arte é acessível a todos.

Porque a arte não é incompreensível, nem elitista, nem distante da realidade.

Porque a sua prática educativa não depende do talento ou de algum dom natural ou aptidão intelectual mas da capacidade de cada um experienciar: fazer, apreciar, contextualizar.

Partindo destes princípios trabalhou a arte como forma de expressão, essencialmente visual, embora as componentes musical, corporal e verbal não fossem omitidas.

A sua intervenção começou pelo jardim de infância. Aí, influenciada pelas orientações pedagógicas e formas de aprendizagem na infância então emergentes, vinculadas à pedagogia de Freinet e ao Movimento da Escola Moderna, e pelos trabalhos seminais de Arno Stern sobre expressão plástica infantil, cria os primeiros ateliers destinados a actividades plásticas. Concebidos como espaços autónomos face à sala de aula, organizavam-se em torno de uma área central polivalente para trabalho colectivo, dispondo das condições necessários para a pintura, para o desenho e para a modelagem, para a arrumação e lavagem dos materiais.

Esta primeira experiência estende-se depois ao ensino primário. Inicialmente partilhando os mesmos espaços, até conquistar um lugar próprio, numas antigas instalações da quinta então desafectadas e reconvertidas em atelier. Mais tarde, já no final da década de 1970, após o encerramento do internato, o atelier da primária é transferido para o ultimo piso do antigo pavilhão da primária, aumentando a área e as suas capacidades, onde ainda hoje permanece.

O atelier foi também um espaço aberto aos alunos mais velhos. À quarta-feira à tarde, após terminadas as aulas, trazia para as suas actividades um grande número de interessados, sobretudo alunos internos, que estimulava a desenhar, a pintar, a moldar.... O processo criativo tomava forma de maneira viva e dinâmica entre o sentir, o pensar e o

fazer. Envolvia novas experiências, desde as pinturas caligrafadas, trabalhadas na transgressão dos suportes tradicionais, aos desenhos de traços largos sobre colagens, passando pelas moldagens em barro, arame ou papel nos limites da formulação plástica. Promovia visitas a exposições e discussões com artistas plásticos, vinculando-se a uma visão contemporânea da arte e da produção criativa.

Consciente que uma proposta pedagógica em arte, por melhor que seja, necessita de profissionais qualificados e bem formados, procura rodear-se de pessoas com quem partilhar os seus pontos de vista e de colaboradores com quem trabalhar em equipa. Num primeiro momento surgem as colaborações com o Fernando Melo Frazão, cenógrafo e artista gráfico, formado na Escola António Arroio, que a acompanha durante duas décadas nas aulas do atelier da primária, com o Camilo Cardoso, com quem desenvolve uma investigação sobre a representação gráfica infantil e com a Alice Gomes com quem sobretudo partilha os princípios da educação pela arte e projecta um papel mais interventivo para lá dos muros do colégio. Num segundo momento, a qualificação da educação artística torna-se uma preocupação constante do seu percurso. Para além de desenvolver no colégio programas variados dirigidos ao aperfeiçoamento das literacias artísticas da sua equipa de educadoras e professoras e promover a transversalidade da componente artística no curriculum, envolve-se também em acções externas de formação para educadores e professores na área da expressão plástica.

No início da década de 1970 é convidada a dar aulas de pintura nos Centros de Observação do Tribunal de Menores de Lisboa, para a qual reúne uma equipa de colaboradores próximos. Aí inicia uma nova etapa do seu trabalho com um sentido de intervenção social, que mantém após o 25 de Abril, na junta de Freguesia de Marvila de S. Mamede e posteriormente na Liga dos Deficientes Motores onde cria um atelier e colabora na formação dos educadores.

SOBRE O ATELIER DA MINHA MÃE

A minha infância e adolescência foram fortemente marcadas pelo atelier e pelo envolvimento da minha mãe na educação pela arte.

Sei que tive a sorte de funcionar como um balão de ensaio e poder participar nas suas experiências bem como tive o privilégio de integrar o grupo de observação da pesquisa

que desenvolveu com o Camilo Cardoso sobre a representação gráfica infantil, quando tinha cinco anos.

Guaches, tinta de óleo, tinta acrílica, lápis, cola, pincéis, barro, canetas de feltro, papel de lustro, cartolinas de grande formato, ouro-mouro e muitos outros materiais e suportes, estiveram sempre acessíveis nesses anos. As minhas primeiras recordações do atelier, surgem à volta dos meus três anos e nesse período são profundamente sensoriais: pintar com as mãos, mexer no barro, rasgar papel de lustro, desenhar com pau de carvão...Mais tarde recordo-me de actividades mais meticulosas como picotar papel, fazer colagens e desenhar em papel colorido com um aparo mergulhado em lexívia, ou com técnicas mais sofisticadas como a monotipia, a gravura em linóleo feita com goivas e posteriormente impressa numa prensa manual, a gravação em ouro-mouro ou em folha de alumínio. Recordo-me ainda dos trabalhos colectivos em grandes formatos, das discussões geradas no grupo sobre o que fazer, como e quem começava e das afinações que era preciso fazer quando alguém se enganava.

O atelier foi sempre um lugar extraordinário onde me sentia feliz. Um lugar onde me era fomentada a espontaneidade. Onde dominava a descontração, a informalidade e o afecto. Onde tinha acesso a uma sem-número de materiais, que podia experimentar sem que o resultado final fosse importante, porque o trabalho realizado era sempre respeitado e elogiado. Onde me era permitido sujar à vontade. Onde no final ainda podia mergulhar os braços na água suja da tina para lavar os frascos das tintas e os pincéis. Onde existiam apenas três proibições: a régua, a borracha (à excepção do trabalho em carvão onde se podia apagar com miolo de pão) e destruir qualquer que fosse o trabalho.

Hoje estou consciente que sobretudo estas duas últimas regras foram determinantes para a minha personalidade e forma de estar. Isto porque, por não se poder usar borracha, era fundamental que o primeiro traço saísse bem, o que exigia um esforço de concentração e capacidade de espacialização. Por não ser possível deitar fora o trabalho, quando o resultado não era o desejado ou quando ocorria algum imprevisto, era necessário resolver o problema criado, e encontrar-lhe uma solução.”

Teresa Valsassina Heitor

Professora Catedrática do IST

